



Empresa de Pesquisa Energética

NOTA TÉCNICA

CENÁRIOS ECONÔMICOS PARA OS PRÓXIMOS 10 ANOS

DEZEMBRO DE 2021

MINISTÉRIO DE
MINAS E ENERGIA



■ Colaboradores

NOTA TÉCNICA EPE/DEA/SEE/019/2021

Coordenação Geral

Giovani Vitoria Machado

Coordenação Executiva

Carla da Costa Lopes Achão

Coordenação Técnica

Arnaldo dos Santos Junior

Equipe Técnica

Aline Moreira Gomes

Lidiane de Almeida Modesto

Suporte Administrativo

Gustavo Miranda de Magalhães

epe

MINISTÉRIO DE
MINAS E ENERGIA



Ministro de Estado

Bento Costa Lima Leite de Albuquerque Junior

Secretária-Executiva

Marisete Fátima Dadald Pereira

Secretário de Planejamento e Desenvolvimento Energético

Paulo Cesar Magalhães Domingues



Presidente

Thiago Vasconcelos Barral Ferreira

Diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais

Giovani Vitória Machado

Diretor de Estudos de Energia Elétrica

Erik Eduardo Rego

Diretora de Estudos do Petróleo, Gás e Biocombustíveis

Heloisa Borges Bastos Esteves

Diretora de Gestão Corporativa

Angela Regina Livino de Carvalho

<http://www.epe.gov.br>

■ Sumário

1. Introdução.....	1
2. Conjuntura Econômica.....	1
3. Premissas gerais para os cenários econômicos.....	4
3.1. Demografia e domicílios	4
3.2. Economia mundial.....	5
4. Cenário de referência para os próximos dez anos	6
5. Cenários alternativos	12
5.1. Cenário inferior.....	12
5.2. Cenário superior	13
6. Referências Bibliográficas	15

■ Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Taxa de variação do PIB em 2020.....	2
Gráfico 2 – Mediana, máximo e mínimo para projeções de crescimento do PIB de 2021 no Focus	3
Gráfico 3 – Evolução da população brasileira e do número de habitantes por domicílios	4
Gráfico 4 – Evolução da população brasileira por regiões geográficas	5
Gráfico 5 – Evolução do PIB e comércio mundial	6
Gráfico 6 – Evolução dos indicadores de setor público	7
Gráfico 7 – Evolução dos investimentos ao longo dos próximos quinquênios (% do PIB)	8
Gráfico 8 – Evolução da PTF ao longo dos próximos quinquênios	8
Gráfico 9 – Evolução do saldo da Balança Comercial (US\$) e de Transações Correntes (% do PIB)	9
Gráfico 10 – Evolução do crescimento do PIB ao longo dos próximos quinquênios (% a.a.).....	9
Gráfico 11 – Comparação internacional PIB per capita (USD PPP – 2019).....	10
Gráfico 12 – Evolução do crescimento setorial ao longo dos próximos quinquênios (% a.a.).....	10
Gráfico 13 – Evolução do crescimento da indústria ao longo dos próximos quinquênios (% a.a.).....	11
Gráfico 14 – Evolução do PIB nos próximos 10 anos para os três cenários (Índice 2020 = 100)	14

■ Lista de Tabelas

Tabela 1 – Principais diferenças entre os cenários	12
--	----

1. Introdução

A construção de cenários econômicos de médio e longo prazo pela EPE tem como objetivo subsidiar as análises das estratégias para o planejamento energético nacional. O esforço de construção desses cenários, embora bastante desafiador, é essencial para garantir o aproveitamento das oportunidades futuras e o melhor gerenciamento dos riscos no processo de planejamento da expansão da oferta de energia.

Esta nota técnica tem o objetivo de apresentar os estudos e análises realizadas no desenho de possíveis trajetórias de crescimento econômico brasileiro para o horizonte de 2022 a 2031.

A partir de um conjunto de premissas gerais para a evolução da população e dos domicílios brasileiros e para a economia mundial, são descritos três cenários para a economia nacional: um cenário de referência, considerado o de maior probabilidade, e dois cenários alternativos – inferior e superior – desenvolvidos a partir da sensibilidade do comportamento das variáveis consideradas chave para o crescimento econômico nos próximos dez anos.

A construção de cenários alternativos é uma estratégia para lidar com as elevadas incertezas inerentes ao processo de elaboração de cenários econômicos, permitindo mapear diferentes resultados para o crescimento econômico, ainda que de menor chance de ocorrência. É importante ressaltar que estes cenários não são exaustivos, já que a depender de como os riscos e oportunidades sejam administrados, a economia brasileira pode apresentar diferentes trajetórias de crescimento.

O cenário original foi elaborado em maio de 2021, porém foi revisado em setembro e, por esse motivo, considerou as informações disponíveis até então. Neste momento, o Brasil e o mundo ainda enfrentam os impactos econômicos, sociais e sanitários decorrentes da pandemia da COVID-19, deflagrada no início de 2020, porém o avanço na vacinação e a redução do número de casos vem permitindo o retorno gradual das atividades. Ainda assim, vale ressaltar que ainda há um elevado grau de incerteza no ambiente econômico e que questões como evolução da pandemia e ritmo da recuperação, ainda que conjunturais, foram consideradas em conjunto com as premissas de longo prazo no desenvolvimento dos cenários econômicos aqui descritos.

Esta nota está dividida em quatro partes. Após a contextualização da conjuntura nacional e internacional, são apresentadas as premissas gerais de demografia, domicílios e economia mundial. Em seguida, descreve-se o cenário de referência com maior detalhamento, apresentando as perspectivas para as principais variáveis macroeconômicas e para o desempenho setorial nos próximos dez anos. Por fim, são descritos, de forma sintética, os cenários alternativos inferior e superior, com foco em suas diferenças em relação ao cenário de referência.

2. Conjuntura Econômica

Após um pouco mais de um ano da eclosão da pandemia da COVID-19, que impactou profundamente o cenário socioeconômico nacional e global, as incertezas no ambiente econômico ainda são elevadas. No entanto, o avanço na vacinação e a redução do número de casos da doença vem permitindo a retomada da atividade econômica tanto na economia mundial como na doméstica.

Ao longo de 2020, o avanço acelerado no número de contaminados e de fatalidades em decorrência da COVID-19 e o risco de colapso no sistema de saúde levaram diversos países a adotarem medidas de isolamento social e *lockdown*, com restrição de circulação de pessoas, fechamento de atividades não essenciais e suspensão de atividades presenciais de educação, cultura e lazer.

Para combater os impactos econômicos e sociais da pandemia e das medidas de isolamentos adotadas, diversos países anunciaram pacotes de estímulo da ordem de bilhões e até trilhões de dólares, a fim de viabilizar uma retomada acelerada. Mesmo com os esforços empreendidos, praticamente todos os países registraram quedas na atividade econômica, com o PIB mundial retraindo 3,3% em 2020. Entre

as principais economias, a única exceção foi a China, que conseguiu recuperar suas perdas ao longo do ano e registrar crescimento de 2,3%. O volume de comércio mundial se reduziu de forma ainda mais intensa, caindo 8,5% no ano.

No Brasil, as medidas de isolamento social foram adotadas a partir de meados de março de 2020, com escopo e prazo distintos entre os estados e municípios, conforme a situação de cada local. De forma geral, no país, a fase mais intensa dessas medidas se deu no segundo trimestre, com relaxamento gradual ao longo do segundo semestre, conforme os estabelecimentos se adaptavam aos novos protocolos de segurança para o funcionamento e o número de casos e óbitos caíam. Algumas atividades, no entanto, seguiram completamente suspensas ou funcionaram de forma estritamente remota, como o caso da educação em alguns municípios.

Ao longo de 2020, os gastos da União com o combate à crise da COVID-19 ultrapassaram R\$ 500 bilhões, distribuídos em diversas medidas, das quais destacam-se o auxílio emergencial de R\$ 600 mensais a pessoas em situação de vulnerabilidade, o auxílio financeiro aos Estados e Municípios e a compensação financeira a trabalhadores que tiveram contratos suspensos ou jornada de trabalho reduzida, além de concessões de crédito e financiamento e antecipação de benefícios (BRASIL, 2021). Tais medidas contribuíram de forma significativa para reduzir o impacto da pandemia sobre a atividade econômica e para o processo de recuperação observado a partir do segundo semestre no país. No entanto, elas representaram um grande esforço fiscal, resultando em um déficit primário de cerca de 743 bilhões em 2020, o que corresponde a 9,4% do PIB.

O Brasil encerrou o ano de 2020 com uma redução de 4,1% do PIB, a queda mais intensa desde 1990. Apesar de bastante negativo, esse resultado foi acima do esperado pelo mercado em meados de 2020, quando a mediana no Focus chegou a -6,6%, e foi suavizado por um processo de recuperação econômica a partir do segundo semestre.

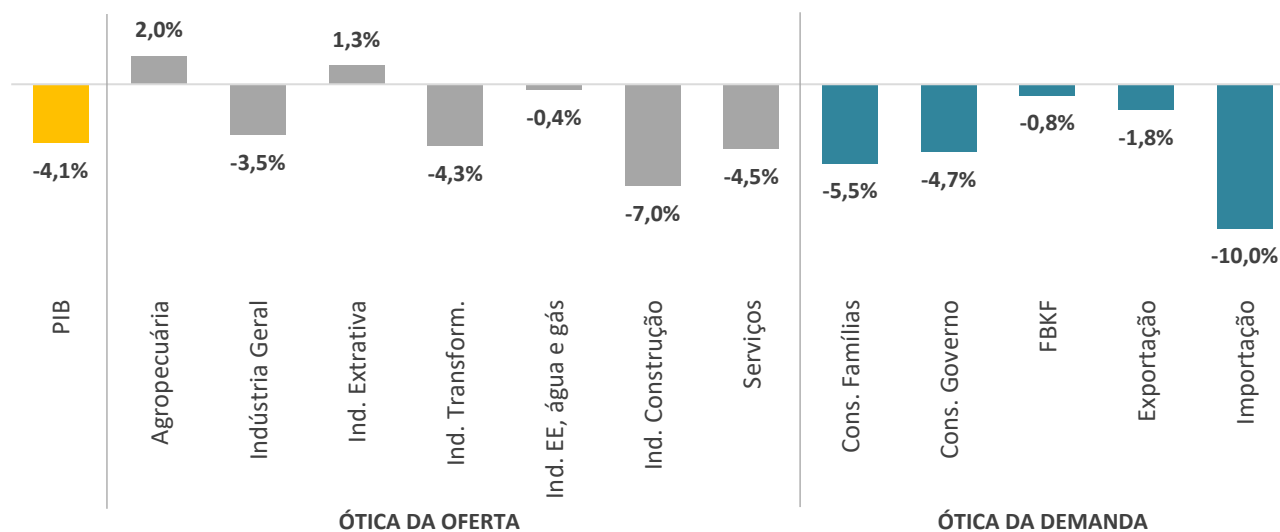


Gráfico 1 – Taxa de variação do PIB em 2020

Fonte: IBGE.

Analisando pela ótica da oferta, nota-se que os impactos da crise e o ritmo de recuperação aconteceram de forma heterogênea entre os setores. No 2º trimestre, o período de medidas mais restritivas, a indústria registrou a maior queda entre os macrossetores (-14%), seguida dos serviços (-10,2%). No entanto, enquanto na indústria observou-se um processo de recuperação intenso ao longo do segundo semestre, revertendo parte importante dessa queda, o setor de serviços seguiu um processo de recuperação bastante lento, afetado diretamente pelas medidas de isolamento e restrições de atividades de turismo, lazer e alimentação que permaneceram em vigor ao longo do ano, em maior ou menor medida. A agropecuária, por outro lado, apresentou crescimento de 2,0%, pouco afetada pela pandemia e beneficiada pelas exportações.

Pela ótica da demanda, todos os componentes do PIB apresentaram queda, porém destacam-se o consumo das famílias (-5,5%), impactado fortemente pelas medidas de isolamento social e pelo mercado de trabalho mais enfraquecido, e as importações de bens e serviços (-10%), por conta do menor ritmo de atividade econômica.

Em dezembro de 2020, teve início o processo de vacinação da população contra a COVID-19 em cerca de 50 países, nos quais se incluem Reino Unido, Estados Unidos, China, Rússia, Argentina, México e Chile. No Brasil, a vacinação teve início em janeiro de 2021, com cronograma específico por município. Atualmente, esse processo se encontra de forma avançada no território brasileiro, o que vem permitindo a reabertura da economia e a retomada da atividade econômica.

Porém, é importante ressaltar que ainda há um elevado grau de incerteza no ambiente econômico, em grande parte relacionados com a aceleração inflacionária, possível cenário hídrico adverso e mercado de trabalho ainda enfraquecido.

Como forma de lidar com esse ambiente ainda incerto, o governo voltou a adotar algumas das medidas de combate à crise como o novo auxílio emergencial de R\$250 – com início de pagamento em abril de 2021 e menor abrangência do que o anterior –, e a renovação do Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda.

Até o momento de elaboração do cenário econômico deste estudo, os indicadores mostram que a atividade econômica está em processo de retomada; porém, houve certa desaceleração do ritmo no segundo semestre. Em termos setoriais, destaca-se a recuperação mais significativa do setor de serviços, que vem se beneficiando da reabertura da economia, e a desaceleração do setor industrial após apresentar fortes taxas de crescimento no fim de 2020 e início de 2021.

Diante da persistência de um elevado nível de incerteza, a mediana das projeções do mercado para o crescimento do PIB em 2021, divulgadas no Boletim Focus do Banco Central, oscilaram bastante ao longo desse ano. No Gráfico 2 é possível observar que após a divulgação do PIB do primeiro trimestre, em junho, houve uma forte revisão das projeções para 2021, saindo de uma mediana de cerca de 3% para 5%..

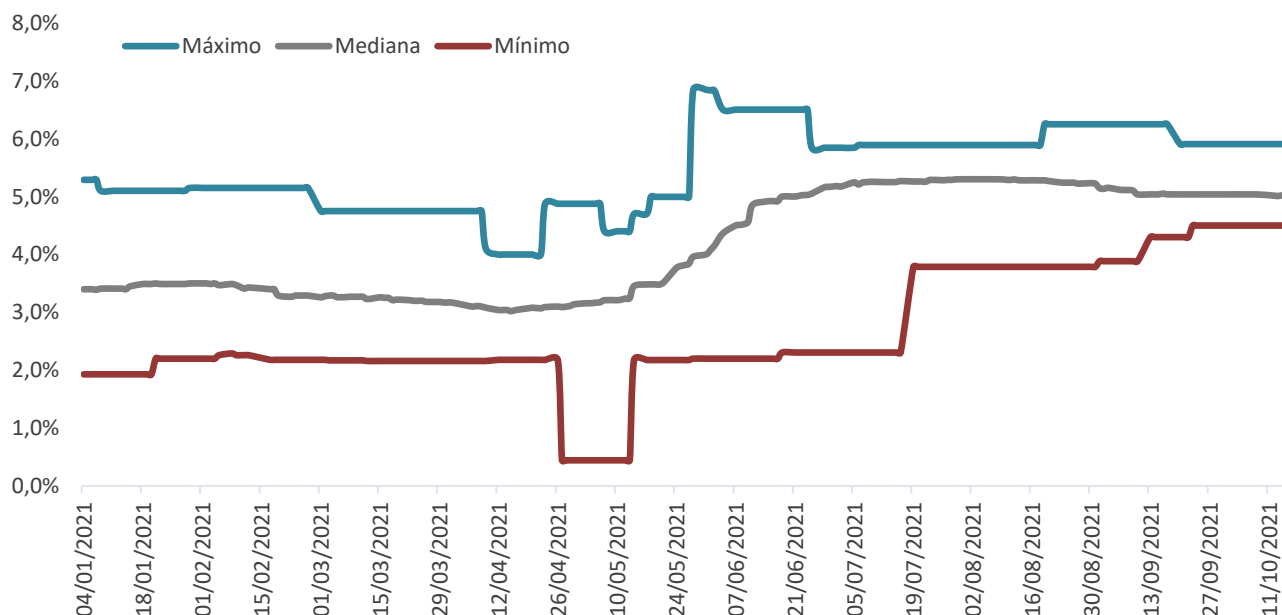


Gráfico 2 – Mediana, máximo e mínimo para projeções de crescimento do PIB de 2021 no Focus

Fonte: BCB.

Em função desse alto nível de incerteza em relação aos rumos da economia, a construção dos cenários para os próximos dez anos levou em consideração, além das premissas de longo prazo, as

perspectivas para fatores considerados chave no curto prazo, como a evolução da pandemia e a confiança e o ritmo de recuperação econômica. Essas perspectivas são descritas a seguir.

3. Premissas gerais para os cenários econômicos

Nesta seção será apresentado o conjunto de premissas demográficas e de domicílios, bem como as relacionadas à economia internacional, as quais serviram de base para a construção dos cenários de referência e alternativos apresentados nesta Nota Técnica.

3.1. Demografia e domicílios

Nos últimos anos, a população brasileira vem crescendo a taxas cada vez menores. A expectativa é que essa tendência permaneça no horizonte decenal. A população brasileira deverá apresentar uma expansão média de 0,6% a.a. entre 2021 e 2031, alcançando cerca de 226 milhões de habitantes ao fim do horizonte, conforme observado no Gráfico 3.

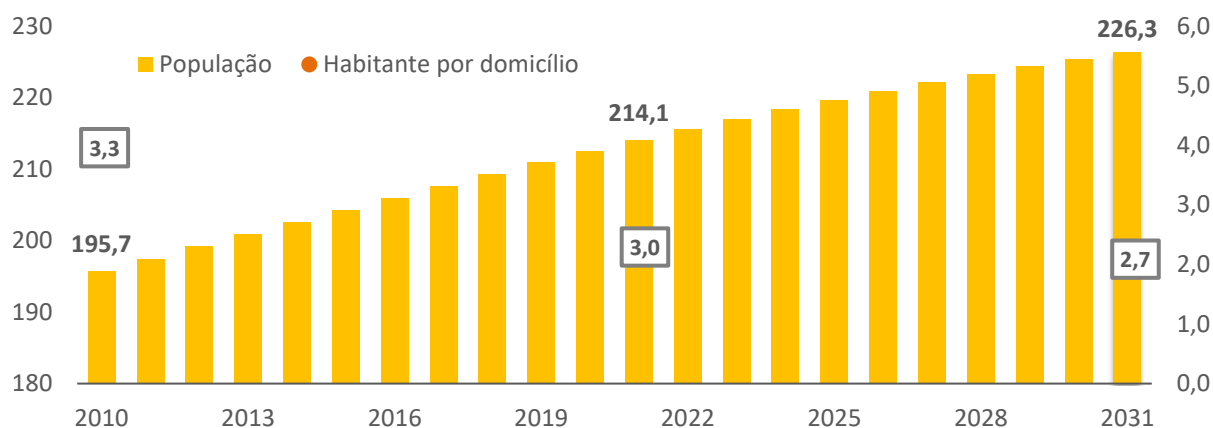


Gráfico 3 – Evolução da população brasileira e do número de habitantes por domicílios

Fonte: EPE, com base em IBGE (2018).

Conforme será visto nas próximas seções, a expectativa é de que haja ganhos de renda da população nos próximos dez anos. Em linha com essa premissa, espera-se que haja um aumento do número de domicílios particulares permanentes até 2031, quando alcança o patamar de cerca de 84 milhões. Como resultado das projeções demográficas e de domicílios, espera-se que a relação de habitantes por domicílio passe de 3,0 em 2021 para 2,7 em 2031.

Considerando em termos regionais, não há perspectiva de uma alteração significativa da distribuição da população nas regiões geográficas, conforme pode ser visto no Gráfico 4. Em relação ao número de domicílios, espera-se que todas as regiões apresentem crescimento até 2031, com destaque para o Norte e o Centro-Oeste. A relação de habitantes por domicílio deverá apresentar queda em todas as regiões, sendo as reduções mais significativas deverão ocorrer no Sul e Centro-Oeste.

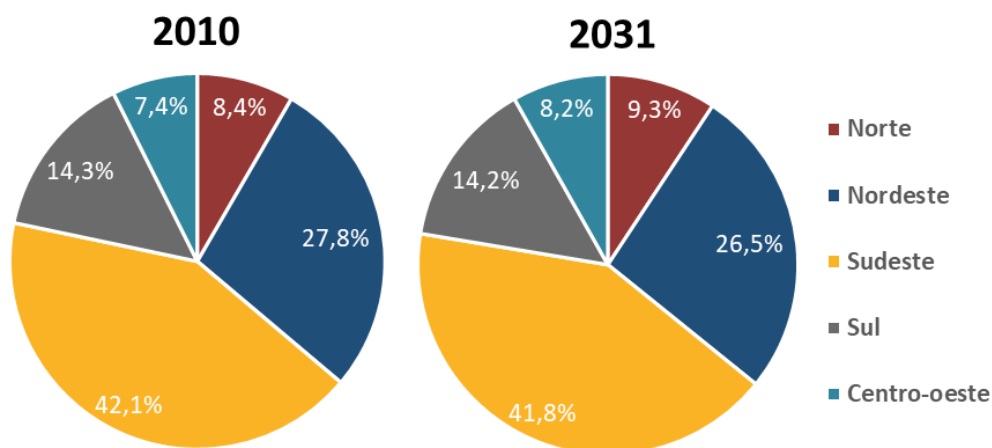


Gráfico 4 – Evolução da população brasileira por regiões geográficas

Fonte: EPE, com base em IBGE (2018).

3.2. Economia mundial

Entender qual será a dinâmica da economia mundial nos próximos anos é fundamental para a construção de cenários para a economia doméstica. Dessa forma, esta seção tem como objetivo caracterizar o cenário global usado de plano de fundo para os cenários econômicos que serão descritos posteriormente.

Para o horizonte até 2026, foram utilizadas as premissas e projeções das edições de abril e julho de 2021 do relatório *World Economic Outlook*, publicado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Para o horizonte de mais longo prazo, foram construídas premissas ancoradas em estudos como Exxon (2019), OCDE (2018) e PWC (2017).

A pandemia da COVID-19 afetou profundamente a economia global, fazendo com que o PIB e comércio mundial apresentassem, em 2020, quedas expressivas de 3,3% e 8,5%, respectivamente. Em 2021, espera-se uma forte recuperação da economia mundial; porém ela se dará em ritmos distintos ao redor do mundo, a depender de como estão sendo encaminhadas a vacinação da população e as medidas de controle da pandemia. Após esse ano de retomada mais forte, a perspectiva é de que a economia global volte a crescer a taxas mais moderadas.

É importante ressaltar novamente que a incerteza ainda é muito elevada, por isso existe uma série de riscos que podem comprometer a concretização desse cenário, como um ritmo de vacinação mais lento em algumas regiões, o surgimento de novas variantes do vírus que tornem as vacinas ineficazes, conflitos geopolíticos, pressões na inflação global, entre outros.

Após uma forte queda da atividade econômica em 2020, espera-se que os países desenvolvidos apresentem uma recuperação substancial no curto prazo, com destaque para a economia americana. No médio prazo, a perspectiva é que o crescimento dessas economias seja mais modesto, limitado, em parte, pelo envelhecimento populacional, que pode ter impactos na oferta de mão de obra no longo prazo.

Já os países em desenvolvimento devem ter um maior ritmo de expansão que as economias desenvolvidas, o que faz com que aumente a participação dos primeiros no PIB mundial. É importante destacar que no horizonte decenal, espera-se que a China passe por um processo de desaceleração suave do seu ritmo de crescimento, em virtude do processo de transição para uma estrutura com maior desenvolvimento do setor de serviços e maior participação do consumo, em detrimento da indústria e do investimento. Essa transição pode gerar repercussão importante no volume de comércio mundial, principalmente para as *commodities*.

A partir das premissas apresentadas anteriormente, espera-se que no período entre 2021 e 2031, o PIB e o comércio mundial cresçam, em média, 3,3% a.a. e 3,9% a.a., respectivamente. O Gráfico 5

apresenta a evolução das médias quinquenais de crescimento do PIB e comércio mundial para o horizonte decenal.

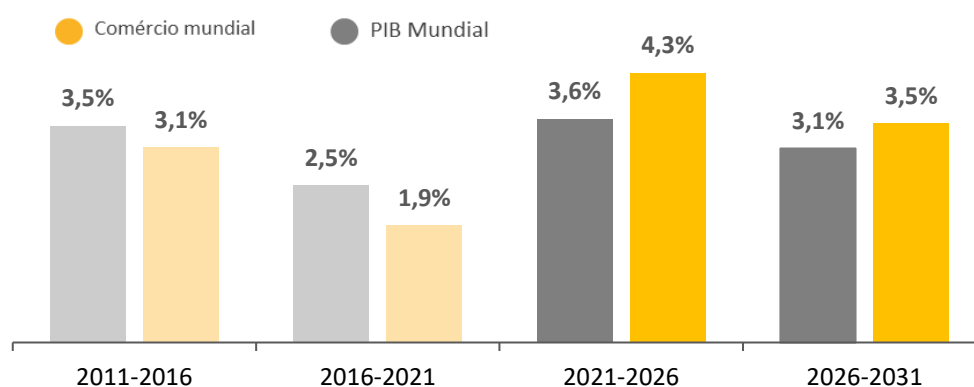


Gráfico 5 – Evolução do PIB e comércio mundial

Fonte: FMI (histórico e projeções até 2024); EPE (projeções a partir de 2025).

4. Cenário de referência para os próximos dez anos

Nesta seção são descritas as premissas adotadas na construção do cenário de referência, bem como seus desdobramentos para o crescimento econômico nos próximos dez anos. Como mencionado, o cenário de referência é considerado o de maior probabilidade de ocorrência. Em função da elevada incerteza associada ao processo de elaboração de cenários, além do referencial, foram também construídos dois cenários alternativos que sensibilizam variáveis-chave, que serão detalhados na próxima seção.

Conforme abordado na seção de conjuntura econômica, a pandemia da COVID-19 segue provocando impactos significativos sobre a economia global e brasileira. Embora o processo de esteja avançando em muitos países, não se podem descartar riscos futuros relacionados à evolução da pandemia. Além disso, ainda há a questão da recuperação da confiança dos agentes e da atividade econômica em um ambiente com pressão inflacionária e adoção de política monetária mais restritivas. Tais fatores fazem com que o cenário nacional de curto prazo siga com elevado grau de incerteza, com o desempenho da economia dependendo de como se dará a evolução da pandemia, da confiança e como será o ritmo da recuperação econômica.

Em linhas gerais, no cenário de referência, o início do horizonte é marcado por uma continuação do processo de recuperação da economia brasileira da crise da COVID-19 iniciado no segundo semestre de 2020. No médio prazo, a economia deverá crescer em um ritmo moderado, com avanços em reformas econômicas e aumento dos investimentos.

Assim, no curto prazo, a expectativa é que com o avanço da vacinação, grande parcela da população esteja vacinada no fim de 2021, levando a uma redução do número de casos e mortes. Tal situação permite a reabertura da economia e a recuperação da confiança e da atividade econômica. Nesse cenário, espera-se que, mesmo em um ambiente de incertezas, haja uma consolidação da recuperação da atividade econômica em 2021, com uma retomada mais forte do setor de serviços no segundo semestre. Tal processo também será beneficiado pela forte recuperação da economia mundial.

Em termos setoriais, a indústria deve liderar o processo de recuperação, com crescimento mais elevado que os demais, impulsionado pela indústria de transformação e pela indústria extrativa, este último beneficiado pela recuperação da economia mundial. Cabe mencionar que, apesar do bom desempenho, o setor apresentou uma desaceleração no início do segundo semestre de 2021 em função de problemas relacionados ao aumento dos custos e falta de disponibilidade de insumos produtivos, o que vem colocando restrições à atividade industrial no país e no mundo. O setor agropecuário também

deve apresentar bom desempenho, beneficiado pela alta nos preços internacionais e pela perspectiva de crescimento em culturas relevantes em 2021, como é o caso da soja.

O setor de serviços, que sentiu de forma mais intensa os impactos da pandemia da COVID-19 e das medidas de isolamento, com diversas atividades suspensas ou funcionando de forma restrita, deve apresentar uma recuperação mais significativa no segundo semestre, conforme mencionado anteriormente, impulsionado pelo avanço na vacinação e a reabertura das atividades.

A crise gerada pela pandemia da COVID-19 também teve efeitos adversos sobre as contas públicas. Conforme já mencionado, as medidas adotadas para conter os impactos negativos da pandemia sobre a economia levaram a um forte aumento dos gastos públicos, o que resultou em um déficit primário de cerca de 9,4% do PIB em 2020. Além disso, o menor nível de atividade econômica reduziu a arrecadação de tributos do governo, contribuindo para o resultado primário negativo. A expectativa é de que, com o controle da pandemia, a condução da política fiscal volte a ter como objetivo o ajuste fiscal, com a realização de resultados primários crescentes ao longo dos próximos anos. Tal fato, somado à perspectiva de retorno a taxas de juros apatamares mais baixos, contribuirá para um retorno da relação Dívida Líquida do Setor Público/PIB (DLSP/PIB) à trajetória decrescente a partir do fim do primeiro quinquênio. O Gráfico 6 mostra a evolução do resultado primário do governo e da relação DLSP/PIB ao longo dos próximos quinquênios.

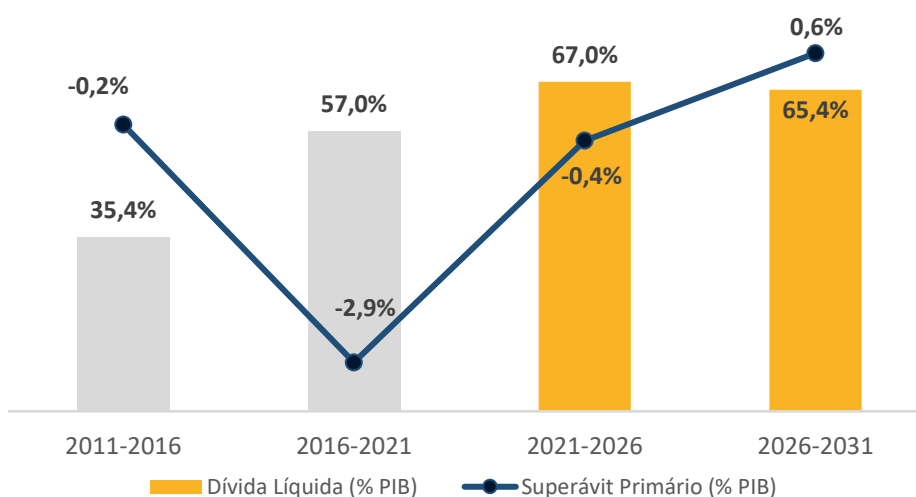


Gráfico 6 – Evolução dos indicadores de setor público

Fonte: BCB (dados históricos), EPE (projeções a partir de 2021).

No médio prazo, espera-se que a recuperação das economias nacional e mundial permita um ambiente de maior estabilidade e confiança dos agentes, propiciando o aumento nos investimentos e avanços de reformas microeconômicas, visando a melhoria do ambiente de negócios, a simplificação da estrutura tributária e da burocracia, além da redução do chamado “custo Brasil”, o que tem reflexos sobre a competitividade e a produtividade do país.

Com relação à importância das reformas microeconômicas, o Brasil ocupa hoje a 124ª posição entre 190 economias no *ranking Doing Business 2020* do Banco Mundial, que mede a facilidade de realizar negócios nos países. O país atualmente possui pontuações baixas em critérios como facilidade de abertura de novos negócios, peso do custo tributário (incluindo o custo administrativo dos processos de tributação), facilidade para registro de propriedade e facilidade para obter licenças e permissões para construção. Dessa forma, avanços nesses quesitos são essenciais para impulsionar o desenvolvimento econômico.

Em relação aos **investimentos**, a expectativa é que alcancem o patamar de cerca de 20% do PIB em meados do segundo quinquênio. O Gráfico 7 apresenta a evolução das médias quinquenais dessa variável.

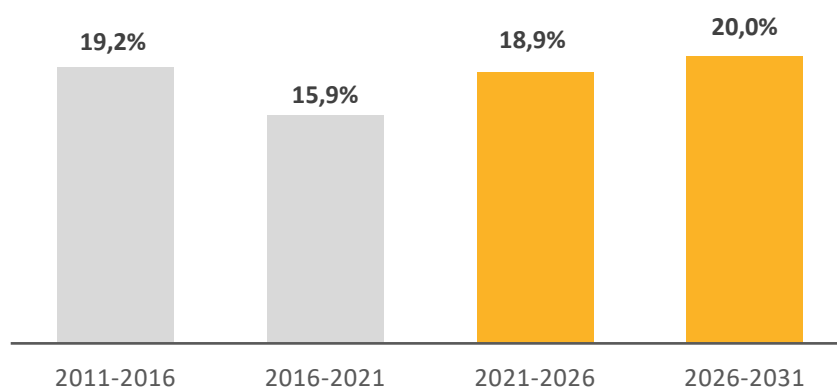


Gráfico 7 – Evolução dos investimentos ao longo dos próximos quinquênios (% do PIB)

Fonte: IBGE (histórico); EPE (projeções a partir de 2021).

Um setor que deve apresentar destaque, em termos de fluxo de investimentos, deve ser o de infraestrutura. Os investimentos nesse setor têm forte impacto sobre a economia como um todo, por conta dos seus efeitos indiretos sobre os demais setores. Além de expandirem a capacidade produtiva, eles tornam a economia mais eficiente, gerando ganhos de produtividade.

Sendo assim, nesse cenário espera-se que, com a evolução da política de concessões, haja uma expansão dos investimentos em infraestrutura, o que reduz os gargalos logísticos hoje existentes e gera ganhos de competitividade e produtividade, sobretudo no segundo quinquênio.

O crescimento de produtividade da **produtividade total dos fatores (PTF)** é essencial para o desempenho da economia no longo prazo, em virtude da expectativa de envelhecimento populacional e de uma menor contribuição demográfica para o crescimento econômico. O Gráfico 8 apresenta a evolução da PTF nos próximos quinquênios. Vale ressaltar que, ainda que a taxa de crescimento esperada para a PTF possa parecer baixa, este cenário é desafiador, dado o histórico recente.

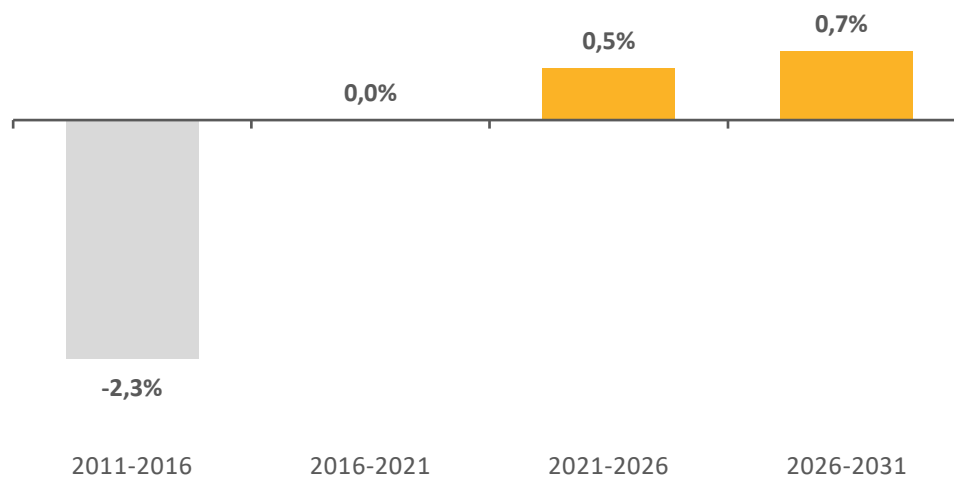


Gráfico 8 – Evolução da PTF ao longo dos próximos quinquênios

Fonte: Conference Board (dados históricos até 2018), EPE (projeções a partir de 2019).

O ambiente de maior estabilidade com maior competitividade da economia doméstica conciliado a um cenário externo favorável faz com que as exportações brasileiras sejam beneficiadas. Apesar desses avanços, não se espera uma mudança muito significativa da pauta exportadora. Um dos destaques deve ser o setor extrativo. Mesmo com a expectativa de desaceleração da economia chinesa ao longo do horizonte deste estudo, a China ainda deve se manter como um dos principais parceiros comerciais do Brasil.

Além disso, as importações também devem ser favorecidas por conta da maior expectativa de crescimento do PIB doméstico. Como resultado, espera-se que a **balança comercial** obtenha saldos significativos, embora estes apresentem médias quinquenais decrescentes por conta da maior demanda por importações no fim do horizonte relacionada ao maior crescimento econômico brasileiro.

No que diz respeito ao saldo de transações correntes, a expectativa é de *déficit* ao longo de todo horizonte decenal, em virtude dos saldos negativos crescentes na balança de serviços e rendas. É importante frisar que tal fato é sustentável, já que se espera uma entrada crescente de capitais, via investimento direto no país, conforme a economia brasileira apresente maior crescimento econômico. O Gráfico 9 mostra a evolução das principais variáveis referentes ao setor externo até 2031.

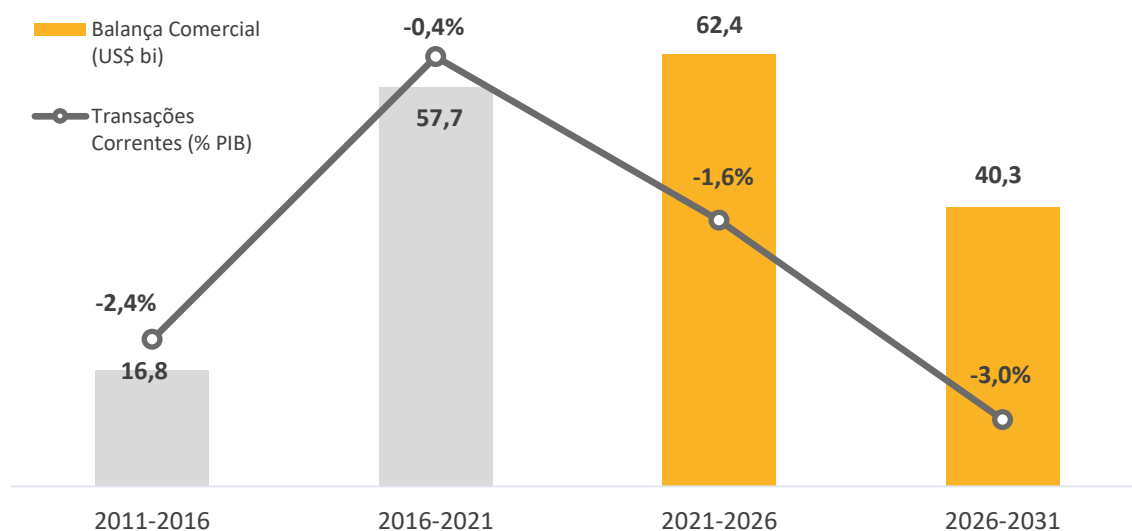


Gráfico 9 – Evolução do saldo da Balança Comercial (US\$) e de Transações Correntes (% do PIB)

Fonte: BCB (dados históricos), EPE (projeções a partir de 2021).

Diante do que foi descrito anteriormente, espera-se que neste cenário o PIB brasileiro apresente um crescimento médio de 2,9% entre 2021 e 2031, conforme pode ser visto no Gráfico 10.

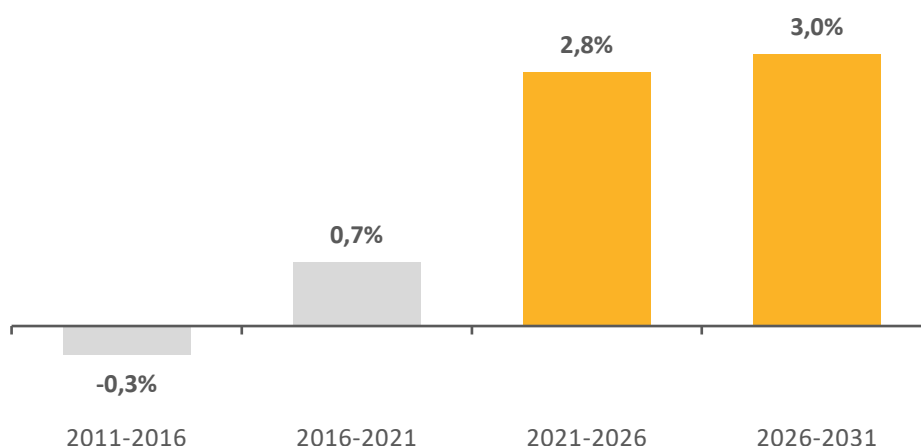


Gráfico 10 – Evolução do crescimento do PIB ao longo dos próximos quinquênios (% a.a.)

Fonte: IBGE (dados históricos), EPE (projeções a partir de 2021).

Considerando as projeções demográficas apresentadas anteriormente, a expectativa é que o PIB per capita cresça, em média, 2,3% a.a. entre 2021 e 2031, alcançando cerca de 19,3 mil dólares PPP de

2019 em 2031. O Gráfico 11 apresenta comparações internacionais, mostrando que em 2031, o PIB per capita brasileiro deve atingir um patamar próximo ao do México em 2019 (em dólares PPP de 2019).

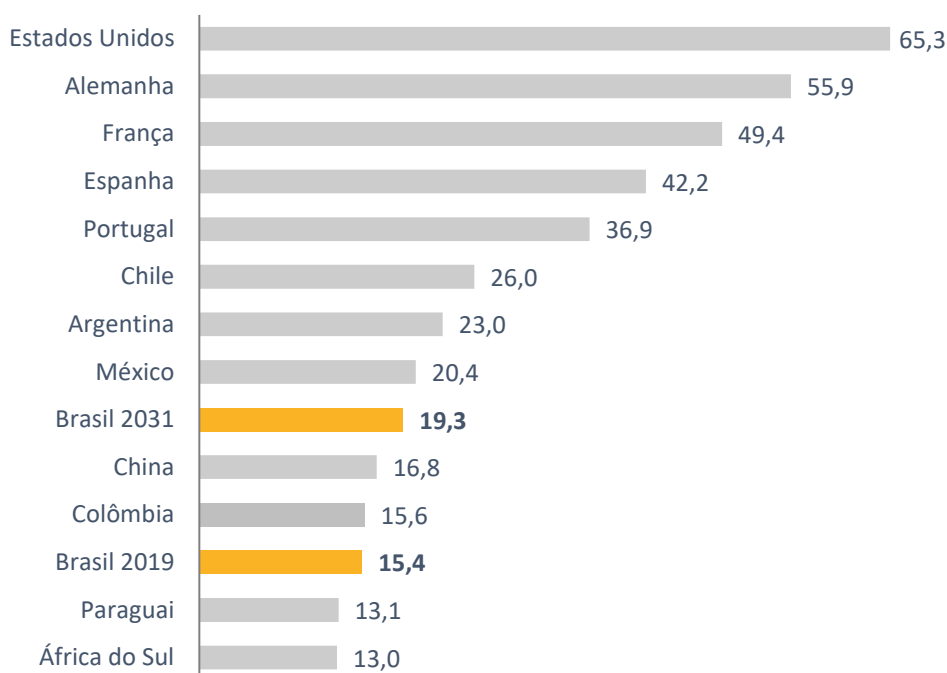


Gráfico 11 – Comparação internacional PIB per capita (USD PPP – 2019)

Fonte: Banco Mundial(histórico) e EPE (projeções a partir de 2021).

Nota: Dados dos outros países referentes ao ano de 2019.

Em termos setoriais, espera-se que, em um contexto de maior dinamismo da demanda interna e um nível mais elevado de emprego, o cenário de maior estabilidade no ambiente econômico e de maior confiança dos agentes permita um ritmo de crescimento mais substancial da indústria e dos serviços. A expectativa também é de que as reformas microeconômicas implementadas e os investimentos realizados ao longo do horizonte permitam um ganho de competitividade dos produtores nacionais, especialmente na indústria, ainda que de forma mais modesta e mais ao final do horizonte.

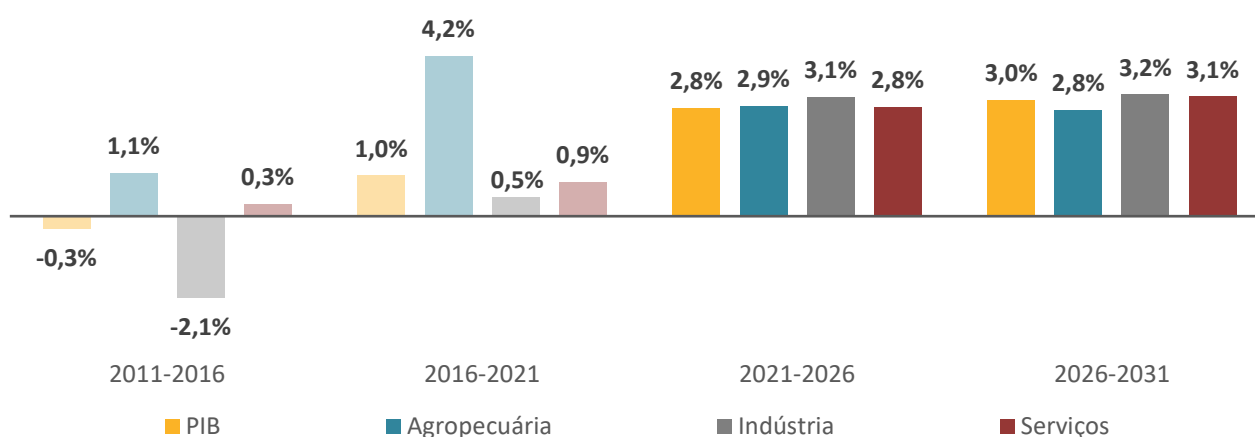


Gráfico 12 – Evolução do crescimento setorial ao longo dos próximos quinquênios (% a.a.)

Fonte: IBGE (dados históricos), EPE (projeções a partir de 2021).

Para o setor **agropecuário**, considera-se uma expansão média de 2,8% a.a. entre 2021 e 2031, em função da boa competitividade que o país possui no mercado internacional e das perspectivas de expansão dos principais produtos agropecuários brasileiros no relatório “Projeções do Agronegócio: Brasil 2020/21 a 2030/31, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2021), com destaque para a perspectiva de crescimento de 27% para a produção de grãos e de 21% para a produção de carnes nos próximos dez anos.

Para o setor de **serviços**, a expectativa é de um crescimento médio de 3,0% a.a. entre 2022 e 2031, com expansão da renda das famílias e das próprias atividades do setor industrial e agropecuário, impulsionando a demanda por comércio e algumas atividades de serviços de transportes e serviços prestados às empresas e às famílias. Também é bastante positiva a perspectiva para os serviços de lazer e turismo, em que o país possui vocação natural, com grande atratividade de turistas. Segundo relatório *The Travel and Tourism Competitiveness Report 2019*, do Fórum Econômico Mundial (WEF, 2019), o país ocupa a 32ª posição entre 140 países no *ranking* de competitividade em turismo, destacando-se os recursos naturais e culturais do país.

Com relação à **indústria**, a expectativa é de um crescimento médio de 3,1% a.a. no horizonte de dez anos. Destaca-se, nesse cenário, o bom desempenho esperado para o segmento de **extrativa**, impulsionado pela demanda internacional por minério de ferro, e pela perspectiva de aumento da produção de petróleo na região do Pré-Sal no período.

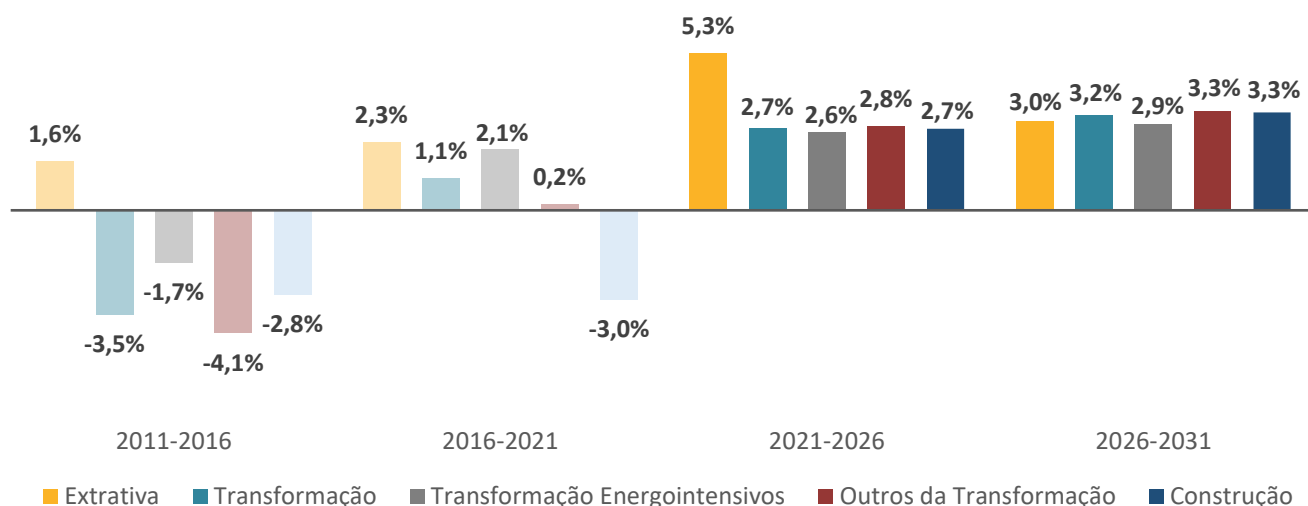


Gráfico 13 – Evolução do crescimento da indústria ao longo dos próximos quinquênios (% a.a.)

Fonte: IBGE (dados históricos), EPE (projeções a partir de 2021).

Nota: Transformação Energointensiva é composta dos setores alimentos e bebidas, papel e celulose, cimento, cerâmica e vidro, siderurgia, alumínio e alumina, petroquímica e soda-cloro.

A demanda interna mais aquecida e os investimentos em infraestrutura no período vão impulsionar a produção e o valor adicionado da indústria de **transformação**, especialmente no caso dos segmentos mais voltados para a economia doméstica. Nesse sentido, espera-se um crescimento dos setores com participação importante no consumo de energia, muitos dos quais são fornecedores de insumos para o próprio setor industrial e para os demais setores, como metalurgia e produtos de minerais não metálicos. Além disso, espera-se que o crescimento da economia global promova um aumento das exportações de alguns desses produtos, inclusive de setores grandes consumidores de energia como a celulose, em que o País tem posição de destaque no mercado internacional.

A indústria de **construção** deve ser beneficiada pelos projetos de concessão previstos para os próximos anos, com aumento dos investimentos em infraestrutura, tanto relacionados à energia e transportes quanto a saneamento e habitação, em função do *déficit* que se tornou ainda mais evidente durante a pandemia da COVID-19. Segundo o IBGE, em 2019, quase um terço dos domicílios do país não possuía acesso à rede geral de esgotos, chegando a 73% no Norte (IBGE, 2020a), e cerca de 5 milhões de domicílios estavam nos chamados aglomerados subnormais (“comunidades”), nos quais se observa alto grau de adensamento e carência de serviços públicos essenciais (IBGE, 2020b).

5. Cenários alternativos

A seguir são apresentados os cenários desenvolvidos como alternativas ao cenário de referência. Cabe mencionar que a construção de cenários alternativos tem como objetivo lidar com as elevadas incertezas inerentes ao processo de elaboração de cenários econômicos, permitindo mapear resultados que, embora com menor probabilidade, ainda são possíveis de ocorrerem e podem trazer importantes desafios e oportunidades para o país.

Os dois cenários alternativos, inferior e superior, foram elaborados pela sensibilização das trajetórias esperadas no cenário de referência para variáveis consideradas chave para o crescimento econômico dos próximos dez anos.

Como já mencionado, no momento de elaboração desta nota técnica ainda há elevada incerteza sobre os rumos das economias nacional e internacionais. Assim, a evolução da pandemia e o ritmo de recuperação da confiança e da atividade econômica no país são considerados elementos chave de curto prazo para o crescimento econômico dos próximos anos.

Além desses elementos, foram sensibilizadas questões-chave para o desempenho da economia no médio e longo prazo, como o grau de avanço das reformas e a melhoria no ambiente de negócios, a evolução da produtividade total dos fatores (PTF) e o desempenho das contas públicas.

As principais diferenças entre os três cenários considerados neste estudo estão apresentadas resumidamente na Tabela 1.

PONTOS CRÍTICOS	CENÁRIO INFERIOR	CENÁRIO REFERÊNCIA	CENÁRIO SUPERIOR
EVOLUÇÃO DA PANDEMIA	Novas ondas da doença resultam em uma duração mais longa da pandemia no País	Ritmo de vacinação permite imunizar grande parcela da população em 2021, com redução gradual do número de casos e ausência de novas ondas	Aceleração na vacinação permite a redução acentuada do número de casos e ausência de novas ondas
CONFIANÇA E RITMO DA RECUPERAÇÃO	Cenário de elevada incerteza interrompe recuperação da economia, que fica estagnada no curto prazo	Cenário com menor incerteza relacionada à pandemia permite um aumento da confiança e um processo de recuperação sustentado	Cenário mais favorável permite um aumento acentuado da confiança e um processo de recuperação acelerado
APROVAÇÃO DE REFORMAS E AMBIENTE DE NEGÓCIOS	Dificuldade na aprovação de reformas	Aprovação de reformas importantes ao longo do horizonte	Aprovação de reformas importantes já no curto prazo
PRODUTIVIDADE TOTAL DOS FATORES (PTF)	Fraco crescimento	Crescimento gradual	Forte crescimento
CONTAS PÚBLICAS	Dificuldade de realização de ajuste fiscal	Ajuste fiscal com redução gradual da relação DLSP/PIB	Ajuste fiscal com redução significativa e mais rápida da relação DLSP/PIB

Tabela 1 – Principais diferenças entre os cenários

Fonte: EPE.

A seguir são descritas, de forma sintética, as sensibilidades realizadas e seus desdobramentos sobre o desenho dos cenários alternativos inferior e superior, com foco nas diferenças em relação ao cenário de referência.

5.1. Cenário inferior

No cenário inferior, o processo de recuperação da economia no curto prazo é interrompido por conta de novas ondas da COVID-19 e pelo cenário de elevada incerteza. Entretanto, entre 2021 e 2031, espera-se um crescimento médio do PIB de 1,9% a.a.

A maior duração por conta das novas ondas geram efeitos negativos significativos para setores mais voltados para a demanda doméstica, em especial os serviços, afetados pela necessidade de novas fases

de isolamento social e fechamentos de atividades não essenciais. Como consequência, há maior número de estabelecimentos em falência e saindo do mercado de forma definitiva.

Neste cenário, o ambiente de incerteza deve predominar ao longo dos próximos dez anos, o que dificulta a recuperação da confiança dos agentes econômicos, restringindo uma expansão significativa da demanda interna, principalmente do investimento. Espera-se, que neste contexto, os investimentos atinjam um patamar de cerca de 19% do PIB na segunda metade do horizonte decenal, abaixo do previsto no cenário de referência.

Além disso, o ambiente instável também inibe a realização de reformas importantes para o crescimento econômico, fazendo com que não haja uma melhoria significativa do ambiente de negócios. Com isso, os ganhos de produtividade são mais tímidos que os do cenário de referência. A PTF deve apresentar um ritmo de crescimento mais lento, alcançando uma média de 0,2% a.a. nos dez anos.

O ambiente econômico conturbado e de menor crescimento econômico também impacta as contas públicas. A expectativa é que haja maior dificuldade de realização de resultados primários, fazendo estes apresentarem uma recuperação mais lenta, o que leva a uma relação DLSP/PIB crescente ao longo do horizonte.

Neste cenário, o menor nível de renda das famílias e de consumo em relação ao cenário de referência reduz a demanda e a produção de todas as atividades, com efeitos mais significativos sobre os serviços e as atividades da indústria voltados para a economia doméstica. O menor crescimento dos investimentos e ausência de reformas importantes contribuem para esse desempenho, permanecendo os gargalos ao aumento da produtividade e da competitividade nacional.

No horizonte de 2021 a 2031, o crescimento médio esperado para a indústria e para os serviços é de 1,8% e 1,9%, respectivamente. No caso da indústria, esse desempenho é resultado do fraco crescimento dos segmentos da construção e de grande parte transformação, diante de uma atividade econômica nacional menos aquecida. Nesse sentido, também é esperado baixo crescimento de setores energointensivos que produzem bens intermediários para as atividades domésticas, como produtos da metalurgia, química e minerais não metálicos.

Cabe mencionar que há boa perspectiva para a indústria extrativa e para a produção de celulose ao longo do horizonte, diante de um cenário internacional favorável para a exportação desses produtos. Esse contexto internacional também deve favorecer a agropecuária, que deve crescer a uma taxa média de 2,6% nos próximos dez anos.

5.2. Cenário superior

No cenário superior espera-se que o ritmo mais acelerado da vacinação permita uma intensa queda do número de casos e mortes em decorrência da COVID-19, o que contribui para uma recuperação mais rápida e forte da economia já no curto prazo.

Nesse contexto, há uma recuperação mais intensa das atividades, sobretudo de serviços, diante da menor necessidade de medidas de isolamento social. O cenário mais positivo sobre o mercado de trabalho e a renda leva ao aumento da demanda e da produção de todas as atividades no curto prazo.

Ao longo dos dez anos, espera-se que o ambiente macroeconômico seja mais favorável e estável. Com isso, tanto as famílias quanto os investidores estarão mais confiantes, o que resulta em uma expansão significativa da demanda interna.

Os investimentos crescem a taxas significativas ao longo do horizonte deste estudo, chegando ao patamar de 22% do PIB, aproximadamente. Assim como no cenário de referência, o segmento de infraestrutura deve se destacar, porém no cenário superior espera-se um avanço ainda maior nesse

segmento, reduzindo significativamente os gargalos de infraestrutura que limitam a competitividade e produtividade do país.

Além disso, a realização de reformas estruturais também contribuirá para o melhor ambiente de negócios, o que potencializa os ganhos de competitividade e produtividade neste cenário. Nesse sentido, a PTF deve apresentar um crescimento médio de 0,9% entre 2021 e 2031. Como resultado, a economia brasileira deve apresentar um ritmo de crescimento mais forte e sustentado ao longo do horizonte decenal, crescendo a uma taxa média de 3,9% a.a.

O melhor ambiente de negócios, decorrente das reformas implementadas, permitirá aumento da competitividade dos produtores nacionais. A demanda interna mais aquecida e o menor nível de incerteza também contribuem para um maior dinamismo na economia, levando a taxas mais elevadas crescimento de todas as atividades.

No caso da indústria, além da expansão associada a maior demanda interna, há um impulso adicional relacionado aos investimentos em infraestrutura, que gera efeito diretos sobre a indústria de construção e efeitos encadeados sobre os demais segmentos da indústria. Nesse contexto, espera-se um crescimento mais elevado para os setores energointensivos de bens intermediários, como metalurgia, química e produtos de minerais não metálicos. A parcela da indústria voltada à exportação, como a extrativa e alguns produtos da transformação, apresentarão bom crescimento no horizonte, impulsionada pela expansão nas economias internacionais. Assim, espera-se que a indústria cresça de forma significativa no período, atingindo uma taxa média de 4,0%.

Para o setor de serviços é esperada uma taxa média de crescimento de 3,9%, beneficiado pela maior renda das famílias e maior nível de consumo. Também se espera que as reformas implementadas permitam aumento da produtividade no setor e estimule o desenvolvimento dos segmentos com maior nível de conteúdo tecnológico, embora ainda haja o predomínio de atividades “tradicionais” no horizonte de dez anos. Com relação ao setor agropecuário, espera-se que a redução de custos operacionais e logísticos decorrente das reformas permitam um posicionamento ainda melhor do setor no mercado internacional, crescendo a uma taxa média de 3,5% a.a.

O Gráfico 14 reúne as trajetórias esperadas para o PIB nos três cenários descritos.

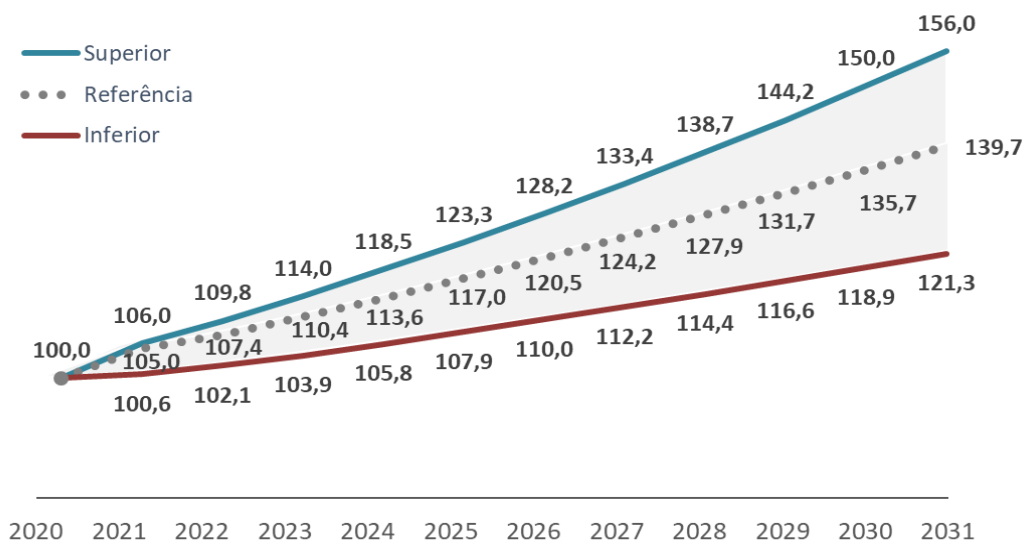


Gráfico 14 – Evolução do PIB nos próximos 10 anos para os três cenários (Índice 2020 = 100)

Fonte: EPE.

6. Referências Bibliográficas

BANCO MUNDIAL. **Doing Business 2020: Comparing Business Regulation in 190 Economies**. Washington: Banco Mundial, 2020.

BRASIL. **Tesouro Nacional Transparente**, 2021. Monitoramento dos Gastos da União com Combate à COVID-19. Disponível em: <https://bit.ly/3g32dZH>.

FGV (Fundação Getúlio Vargas). FGV [Fundação Getúlio Vargas]. Indicadores anuais de produtividade. Observatório da Produtividade Regis Bonelli, 2020. Disponível em <https://bit.ly/3r16Bv2>.

FMI [Fundo Monetário Internacional]. **World Economic Outlook: Managing Divergent Recoveries**. Washington, DC: abril, 2021. Disponível em <https://bit.ly/3yqqgcg>.

IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. **Contas Nacionais Trimestrais - 4º trimestre de 2020**. Disponível em: <https://bit.ly/3oDoCzI>.

_____. **Projeções da população: Brasil e unidades da federação: revisão 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua**. Características gerais dos domicílios e dos moradores 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2020a.

_____. **Aglomerados Subnormais 2019: Classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19**. Notas Técnicas. Rio de Janeiro: IBGE, 2020b.

MAPA [Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento]. **Projeções do Agronegócio: Brasil 2020/21 a 2030/31**. Brasília: MAPA, 2021.

WEF [World Economic Forum]. **The Travel & Tourism Competitiveness Report 2019**. Geneva: World Economic Forum, 2019. Disponível em: <https://bit.ly.com/8DxhG>.

Fontes de dados:

BANCO MUNDIAL: <http://www.worldbank.org/>

BCB [Banco Central do Brasil]: <http://www.bcb.gov.br/>

FMI [Fundo Monetário Internacional]: <http://www.imf.org/>

IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]: <http://www.ibge.gov.br/>

ME [Ministério da Economia]: <http://www.gov.br/economia/pt-br/>